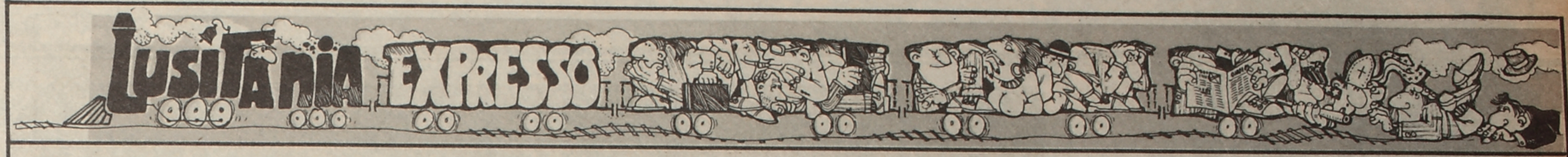

Diálogos na Brasileira

A recusa de Nuno da Roca

ASSIM que o vulto volumoso de André Gonçalves Parreira se recortou na porta do café, Nuno da Roca levantou-se, agitando a mão num aceno frenético e convidativo. Embora com ar contrariado (detestava sempre aqueles gestos bizarros, assim, em público), Gonçalves Parreira dirigiu-se à mesa de Nuno, cumprimentou-o displicentemente e sentaram-se ambos.

Roca sorria, simpático e diligente: **"Espero que não tenha sido uma maçada para o sr. ministro ter vindo, aqui, encontrar-se comigo."** O seu interlocutor mantinha-se silencioso, numa atitude quase hostil. Nuno da Roca insistia: **"A verdade é que se trata de um assunto muito, muito importante."** Avaliou o rosto do ministro, que parecia agora indiferente. Então, continuou: **"Eu precisava absolutamente de lhe comunicar que não pretendo nenhum lugar, em nenhuma embaixada."**

Aqui Parreira reagiu prontamente, endireitando-se na cadeira, mostrando a perplexidade no olhar atónito, na boca entreaberta: **"Diz o senhor que não pretende..."**

"Precisamente" — apressou-se a cortar Nuno da Roca — **"Não pretendo nenhum lugar, em nenhuma embaixada. E é importante que isso fique desde já esclarecido, porque pretendo enviar uma mensagem escrita aos trabalhadores do "Clima", informando-os de que recuso lugares em embaixadas. E recuso-os só por uma razão: para provar toda a minha dedicação ao "Clima".**

Ainda espantado, Gonçalves Parreira nem se mexia: **"Diz o senhor que recusa..."**

"Ora nem mais" — esclareceu logo Roca — **"Recuso"**. Depois, já com ar confidente, aproximando-se familiarmente do ministro, explicou: **"Convém mostrar uma certa dedicação ao jornal. De resto, é indispensável calar a boca à concorrência."** Parreira estava petrificado. A boca mantinha-se entreaberta, pasmada, os olhos ainda espantados. Estendendo a mão, Roca agarrava-lhe já um braço, agarrava-o, sem deixar de falar: **"Que isto de concorrência, é como quem diz... A bem dizer, concorrência, aqui em Portugal, já nem temos. Enquanto os outros jornais rastejam pelo Terreiro do Paço, por S. Bento ou por Belém, à cata de informações, nós, no "Clima", viajamos de avião, informamo-nos no avião. Lembra-se daquela vez que o encontrei, a si, no voo de Zurich para Londres? Pois bem, é assim que fazemos."**

Nuno da Roca chegava a sua cadeira para o pé da de Gonçalves Parreira, rodeava-lhe os ombros com o seu braço protector: **"Estou mesmo a preparar um livro, sobre esta nova técnica de jornalismo: conseguir informações num avião, entre um golo de whisky e um piscar de olho à hospedeira."** Parreira, passado o assombro inicial, estava visivelmente incomodado, procurava afastar o outro. Mas Roca não permitia, segurava-o com firmeza, colava-se como uma lapa: **"Que eu, agora, em Portugal, limito-me a escrever uns editoriais interessantes e umas pequenas notícias sobre as minhas viagens. Para além disso, passeio de avião. E quando quero dizer alguma coisa, vou a Nairobi e então sim, falo, discurso. E os meus discursos têm tanto impacto, que vêm noticiados no "Clima"."**

Nesse momento, Gonçalves Parreira procurava levantar-se, queria ir-se embora. Nuno da Roca não deixava, segurava-lhe uma manga do casaco, puxava-o. Estava loquaz: **"O meu prestígio externo é tão grande que, outro dia, estava eu num País distante, quando um emigrante português me ouviu falar a língua dele. Sabe o que ele fez? Cumprimentou-me, abraçou-me emocionado."**

Nesta altura o ministro conseguiu soltar-se e correu para a porta, fugiu. Roca levantou-se, foi atrás, gritou: **"Não se esqueça... Por enquanto, recuso lugares em embaixadas."**

Mercenários contra o "embaixador"

SEM NECESSIDADE de comentários, transcrevemos, na íntegra, uma mensagem do viajado director do "Tempo" (só podia mesmo ser dele) aos trabalhadores do seu jornal. Fundamentalmente, o eclético Nuno Rocha manifesta mágoa por os mercenários que trabalham no "Tempo" não compreenderem o sacrifício que ele tem feito em não suplicar um lugar qualquer, numa embaixada qualquer. Nós, que fazemos o mesmo sacrifício, compreendê-mo-lo perfeitamente.

É o seguinte, o teor do documento de Nuno Rocha:

"Mensagem do Director

Terminadas as comemorações do "Tempo" o director deseja dirigir em seu nome pessoal uma breve mensagem a todos os trabalhadores. Deseja especialmente agradecer os esforços dos que organizaram as várias comemorações e aqueles que a elas assistiram e lamentar as ausências e o desinteresse dos restantes. Entre os primeiros — os que se dedicaram à realização dos vários programas — o director do jornal quer destacar o Handel de Oliveira (colóquio de Agricultura), o João Rosa (monumento ao Emigrante), o João Ferreira, a Maria Adelaide e o Silvério Rocha (Festa de Santarém) e a Márise Oliveira (Mostra de Cinema). Logo a seguir quer destacar a cooperação de outros dedicados trabalhadores como a Maria José por ter acompanhado os convidados estrangeiros. O director manifesta a sua grande mágoa por não ter visto em Santarém os redactores Pereira de Almeida (nem aos colóquios esteve presente, apesar de se tratar de um assunto económico), Alves Fernandes, Vítor Serra, Margarida Viegas, Paulo Portas, Vítor Camacho; os colaboradores Manuel de Portugal, Major Soares, Narana Coissoró, Dinah Alhandra, Maria Guadalupe, Domingos Azevedo e ainda o dr. Rimeiro da Cunha, Hugo Velosa, Helena Perez, Yolanda Faria, Antonieta Jesus, João Morais e José Madureira, Pedro Correia, Albano de Matos e Carlos Pires.

O director não tem palavras para exprimir a sua tristeza por estas ausências incompreensíveis. Não há obras isoladas e o "Tempo" é desde o princípio uma obra colectiva. O director tem sacrificado a sua carreira — podia já ter ingressado na política ou ter procurado lugar numa Embaixada — para se dedicar ao "Tempo" e a outras empresas de que este faz parte. O director não está disposto a assistir sem um protesto magoado a desinteresses como este. Todas as pessoas referidas ganham a sua vida dentro do jornal e têm obrigação de fazer parte da nossa equipa e das alegrias da nossa família. O "Tempo" não se fez para patrocinar mercenarismos. E não os patrocinará.

Nuno Rocha
Director"

P.S. — Cuidado, pois, mercenários do "Tempo". Por enquanto, Nuno Rocha dá pontapés na gramática. No futuro, pode muito bem lembrar-se de isolá-los em embaixadas recônditas, cujos lugares estão todos, como é evidente, à sua disposição.